

# ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.01-10

## **UM HOMEM ACABADO: REMINISCÊNCIA DO PERSONAGEM, PERMANÊNCIA DO EU**

Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Em sua obra *Un uomo finito* (1912), o escritor florentino Giovanni Papini analisa a condição humana, mesclando aspectos do pragmatismo e momentos de lirismo que descrevem desde a sua infância até o início de sua trajetória literária. Dada a sua importância para o chamado *primeiro Papini*, a autobiografia repercute para além do sistema literário italiano: é traduzida e publicada no Brasil em 1923, pela editora A. Tisi & Cia., com o título *Um homem acabado*; é também constantemente mencionada pelos intelectuais brasileiros, em especial, os modernistas. Nesse sentido, a presente comunicação se propõe como uma breve reflexão sobre os limites entre literariedade, filosofia, niilismo e fé, elementos com os quais o escritor – impelido pela mania de grandeza e a tendência ao enciclopedismo, característicos de sua personalidade – construiu o seu projeto de onipotência humana e consequente insucesso.

**Palavras-chave:** Primeiro Papini; *Um homem acabado*; Tradução.

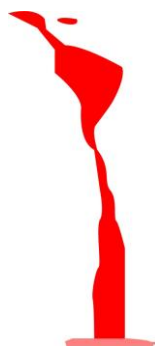
### **1. Permanência do eu**

Giovanni Papini, escritor florentino, nasceu em 1881 e faleceu em 1956. Aos quatorze anos, publicou o seu primeiro conto, “Il leone e il bimbo”, inspirado nas narrativas de Victor Hugo, no periódico *L'amico dello scolaro* (NICOLETTI, 2000, p. xxxix). E foi justamente o seu interesse pela leitura, inicialmente dos livros paternos, que fez com que o seu pai lhe comprasse livros e o colocasse em contato com o também escritor, jornalista e dramaturgo Augusto Novelli, o qual lhe dispôs sua biblioteca para consulta. Ao notar a celeridade com que Papini lera a coleção da *Biblioteca Universale Sonzogno*, Novelli lhe disse que se ele desejasse outros livros, que os roubasse ou os escrevesse! (GOZZINI, 1957).

A sua avidez pela leitura também já transparecia seu enciclopedismo, característica que permeará sua obra no que tange à ambição pelo conhecimento total das obras literárias e

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação em Letras da Universidade de São Paulo (USP), com bolsa Capes. E-mail: [alinefogacareis@gmail.com](mailto:alinefogacareis@gmail.com)



# ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.01-10

aos grandes projetos editoriais, que, por vezes, permaneciam incompletos, como bem os admitiu em seu *Diario 1900*:

Mi sono accorto che il mio difetto intellettuale massimo è l'incostanza, la volubilità. Tutto studio, tutto assaggio, tutto comincio: dopo un periodo di tempo più o meno lungo la noia, il disgusto mi prende ed io lascio a mezzo gli studi, le ricerche incominciate, con quanto sciupio di tempo e di energia non so dire. Bisogna, s'io pur voglio far qualcosa nel mondo, ch'io lasci questo infecondo diletantismo che a nulla di solido, di duraturo apporta. (PAPINI, 2005, p. 14)<sup>2</sup>

Quando Papini desabafa, no diário, sobre o seu “defeito intelectual”, ele está com dezenove anos. Embora a inconstância pareça resultar da imaturidade intrínseca à juventude, ela é, na verdade, algo da personalidade do escritor, haja vista que em seu romance autobiográfico, *Um homem acabado*, ratifica-a:

Que queria eu aprender? Que queria eu fazer? Não o sabia. [...] Apenas saber, saber, saber tudo. (Eis a palavra do meu desastre: tudo!) Desde então, pertenco ao número daqueles para os quais o pouco ou a metade não existe. Ou tudo ou nada! E quis sempre tudo – e que nada se perca ou escape! Inteirice e totalidade – nada mais a desejar, depois! Isto é o fim, a imobilidade, a *morte*! [...] A enciclopédia era o meu grande sonho, o meu sumo ideal – o livro máximo e perfeito. (PAPINI, 1945, p. 24)

Como afirma o escritor – em seus diários, já na maturidade de seus anos, bem como naquela intelectual e literária –, os projetos de juventude não eram caprichos inerentes à idade, mas, de fato, uma vontade possivelmente explicada pela atração por uma literatura colossal, quiçá pelo desejo em se consolidar dentre os grandes nomes que ocupavam a centralidade no cânone.

Através dessa paixão, intitulada de “bulimia cultural”<sup>3</sup> (GHIDETTI, 2008, p. 18, tradução nossa), é possível compreender o sentimento do incompleto que perpassa os projetos papinianos. O escritor transitou entre diversos gêneros literários, versando sobre diferentes

<sup>2</sup> “Dei-me conta que o meu maior defeito intelectual é a inconstância, a volubilidade. Tudo estudo, tudo experimento, tudo começo: depois de um período de tempo, até me entediar, o desgosto me toma e eu deixo pela metade os estudos, as pesquisas iniciadas, com quanto desperdício de tempo e de energia, não sei dizer. É necessário, se eu quiser fazer algo no mundo, que eu deixe este infecundo diletantismo que não acarreta nada de sólido, de duradouro.” (PAPINI, 2005, p. 14, tradução nossa)

<sup>3</sup> “bulimia culturale”



# ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.01-10

assuntos, desde a filosofia até o ensino religioso à sua maneira, após a conversão ao catolicismo. E, apesar de tudo, “não há contradição”<sup>4</sup> (BALDACCI, 2000, p. xxxvi, tradução nossa), mas – acrescentando outro desfecho ao pensamento do crítico – há apenas paradoxo ou talvez oximoros vários em suas páginas, das quais buscaremos traçar uma análise nas páginas de *Um homem acabado*.

## 2. Reminiscência do personagem

*Nunca fui criança. Não tive meninice.*  
(PAPINI, 1945, p. 14)

Com essas palavras, Papini abre *Um homem acabado*, na qual mescla elementos autobiográficos à fantasia, à ficção, para narrar a busca do personagem pela transcendência e a consequente falência desse projeto. Nas palavras de Emilio Cecchi, trata-se de “autobiografia cerebral lírica”<sup>5</sup> (1974, p. ix, tradução nossa). Isso porque aos momentos de lirismo, como por exemplo, ao descrever a *campagna* de sua infância, associa-se à filosofia pragmatista com a qual analisa a condição humana.

As suas palavras, provavelmente, remetem à infância humilde, a qual lhe cunhou um sentimento de aniquilamento (por essa razão o *acabado* do título):

Desde criança, senti-me tremendamente só e diverso – nem eu sei porquê. Talvez, porquê os meus eram pobres ou porquê eu não nascera como os outros?  
Não sei: lembro-me somente que uma tia moça me deu a alcunha de velho aos seis ou sete anos, e que todos os parentes a aceitaram. [...] Era, em suma, o que as senhoras de chapéu chamam um “menino arredio” e as mulheres do povo “um sapo”. (PAPINI, 1945, p. 14-15)

A sensação da infância subtraída é reiterada no apelido de “velho” e reforçada pelo título do capítulo, “Um meio retrato”. E nesse ponto, sensibiliza-nos pensar que aí está patente o sentimento do incompleto. Em seguida, o protagonista, que se descreve como tímido, antipático, melancólico e mal-humorado, compreende, então, que o melhor de sua vida estava

<sup>4</sup> “non c’è contraddizione”

<sup>5</sup> “autobiografia cerebrale lírica”



# ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.01-10

dentro de si. Em sua postura introspectiva, a solução encontrada para aplacar essa solidão estava no conhecimento que os livros lhe proporcionariam.

Com essa nuance, o romance, publicado em 1912, utilizando-se da terminologia musical – *andante*, *appassionato*, *tempestuoso*, *solenne*, *lentissimo* e *allegretto* – narra e subdivide as fases vividas até ali. Se à infância coube o compasso moderado, à adolescência caberá o conflito, a percepção do mal, o entre lugar que conecta a inocência às ambições da fase adulta. Passa-se da solidão ao pessimismo gerado pelos questionamentos feitos à existência, à dignidade ou não em se viver.

A leitura de Schopenhauer fez nascer no protagonista a crença do pessimismo como o ensejo para a criação literária, combustível para a inteligência, e, finalmente, para o interesse pela filosofia.

A esse respeito, os estudos filosóficos de Papini se desenvolvem a partir da teoria de Peirce, para o qual, os pessimistas não podem ser considerados pessoas completamente sãs, pois eles seriam a exceção de uma sociedade formada por maioria otimista.

Peirce também não crê que possa haver vigor intelectual no pessimista, a menos que, como no caso de Leopardi, a doença lhe tenha trazido alguma excentricidade que possa beirar à esquizofrenia ou à genialidade. A sua alegação é sempre aquela: são exceções em meio a um contingente otimista. Em seguida prossegue a sua análise:

O segundo tipo é o misantrópico, o tipo que se faz ouvir. É suficiente trazer à mente a conduta dos famosos pessimistas dessa espécie, Diógenes, o Cínico, Schopenhauer, Carlyle, e o parentesco deles com o Timão de Atenas de Shakespeare, para reconhecê-los como mentes enfermas. O terceiro tipo é o filantrópico, pessoas cujas vívidas simpatias, facilmente excitáveis, tornam-se elevadas à cólera com o que consideram como as injustiças estúpidas da vida. Sendo facilmente interessados em tudo, sem estarem sobrecarregados com pensamento exato de qualquer espécie, são matérias-primas excelentes para *littérateurs*: testemunha Voltaire. Indivíduo algum remotamente próximo do calibre de um Leibniz será encontrado entre eles. (PEIRCE, 2003, p. 119)

Entre os enfermos mentais, está Schopenhauer, e, nesse sentido, a ponderação do *homem acabado* ganha algum respaldo: a aversão à convivência social nos dias da infância paulatinamente lhe desenvolveu a resignação, o conformismo presente no pensamento do



# ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.01-10

filósofo alemão. Não por acaso, o capítulo em que há descrição da aproximação à doutrina do pessimismo é intitulado “A descoberta do mal”.

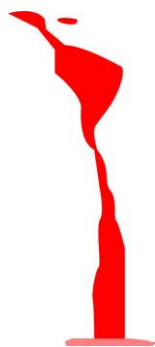
O contraponto com o pessimismo são as amizades, que serão narradas posteriormente. Em sua fase juvenil, passados os momentos de pessimismo e de solidão, no capítulo “Os outros”, o narrador-protagonista diz que já não está mais sozinho, pois havia encontrado amigos, entre os quais, seu professor. Em seguida, cita Giuseppe Prezzolini, a quem dedica o capítulo subsequente, “Ele”. Dirigindo-se a ele como Giuliano – pseudônimo adotado quando da fundação de *Leonardo*, assim como o de Papini, Gian Falco –, expressa toda a gratidão pela parceria iniciada há doze anos, cujo reconhecimento maior foi o de ter encontrado alguém com quem construir não somente uma amizade, mas também um laço intelectual.

Nesse ínterim, Papini também abordará as circunstâncias nas quais foi elaborado o projeto de *Leonardo*. Ele descreverá a motivação em criá-lo, provinda da crença no milagre da arte como solução para as mazelas italianas, no que tangia à política, à sociedade e também à inteligência de seus artistas. Descreve, ainda, sobre a escolha do nome, em uma referência óbvia a Leonardo Da Vinci e sua genialidade. Em todo esse processo não deixa de mencionar, igualmente, questões acerca dos encargos financeiros e da contribuição de todos os seus idealizadores.

*Um homem acabado* é, portanto, não somente uma obra que conta etapas importantes da carreira de Giovanni Papini, bem como de suas paixões, amizades e família; é, também, um modo pelo qual se delineia esta trajetória, o ponto de partida que possibilita perscrutar o paradoxal existente em sua figura: incompleta e dividida entre tantos anseios.

### 3. *Um homem acabado*

*Um homem acabado* foi a primeira obra de Giovanni Papini traduzida no Brasil, em 1923, pela Editora A. Tisi & Cia, sem indicação do tradutor. A respeito dessa tradução, em 2 de dezembro de 1923, Vicente Ruggieri publica um artigo em *O Combate*, no qual, primeiramente, elogia a perspicácia de Antonio Tisi em notar potencial artístico e literário no Brasil:



# ANAIIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.01-10

O primeiro livro editado pelo seu instituto é o de Giovanni Papini: “Un uomo finito”; livro que foi traduzido diligentemente e com sentimentos de admiração e de veneração. Foi o trabalho de um seu discípulo.

“Un uomo finito”, que tomou na tradução, o título de “Um homem acabado” é prefaciado por Candido Motta Filho, um dos mais talentosos jovens críticos e literários de nossa cidade, que estudou em poucas páginas, com rara felicidade e com profundidade de conceitos, a figura anormal de Giovanni Papini, uma das maiores e mais interessantes personalidades da Itália literária moderna.<sup>6</sup> (RAGOGNETTI, 1923, p. 3)

Em seguida, faz considerações sobre a obra, explicitando quem seria o tal “discípulo” de Tisi, responsável pela tradução:

O livro de Papini faz parte da categoria dos livros que não se discutem mais, tendo obtido a consagração de todos. São livros que se aceitam, que se lêem devorando para se conhecer temperamentos excepcionaes de artistas formidaveis e que se estudam e se apreciam... Mais nada.

A tradução foi muito bem cuidada. Della se occupou Nicolau Nazo, esse moço cheio de talento [...]

Obra completa, pois. A estréia do instituto não podia ser melhor. Antonio Tisi e os seus dignos auxiliares estão de parabens... (RAGOGNETTI, 1923, p. 3)

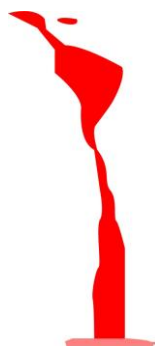
Por meio da leitura de outros artigos, identificamos que não há um consenso em atribuir a tradução a Nicolau Nazo. Exemplo disso encontra-se na edição de 9 de junho de 1923 do *Correio Paulistano*: “O livro de Papini, de cuja tradução se encarregou o jornalista João da Camara Leme, terá uma capa desenhada pelo festejado escultor Nicolau Rollo” (p. 3). Contudo, a primeira informação não poderia ser verossímil, visto que o jornalista em questão faleceu em 1902<sup>7</sup>. Este artigo aborda ainda a iniciativa da editora A. Tisi na elaboração da Coleção Itálica, com a informação sobre o seu diretor, Nicolau Nazo, mas não menciona o prefácio de Mota Filho.

Mario Graciotti, por sua vez, em “Os editores não morrem”, confere justamente ao modernista a tradução:

Eu ia, periodicamente, comprar livros do sr. Tisi, especialmente os de Pirandello e de Papini, divulgados, precursoriamente, no Brasil, pelo homem de olhos castanhos; o primeiro, através da magnífica coleção de novelas [...]

<sup>6</sup> Decidimos manter a ortografia, acentuação e pontuação como constam nos artigos.

<sup>7</sup> Cf. “Arquivo de notícias” da *Biblioteca Pública Regional da Madeira*. Disponível em: <<http://www.bprmadeira.org/site/index.php/noticias/3822-joao-camara-leme-1829-1902>>.



# ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.01-10

e o segundo, pelas páginas inquietas de “Um homem acabado”, vertidas para o português pelo então jovem Candido Motta Filho [...] (GRACIOTTI, 1965, p. 3)

O interesse pelos escritores italianos motivará Graciotti a reeditar *Um homem acabado* em 1945, pelo Clube do Livro<sup>8</sup>, mas, novamente, sem a indicação do tradutor, apenas com a indicação dos direitos pertencentes à editora de Antonio Tisi.

O fato é que, para além das dúvidas acerca do tradutor, Cândido Mota Filho inicia seu prefácio à tradução, afirmando a notoriedade de Giovanni Papini em meio ao cenário literário brasileiro:

Giovanni Papini é célebre. Nestes últimos anos, jornais, revistas e livros não se cansaram de o louvar com entusiasmo. Viam-no todos como um dos mais ardorosos guerrilheiros do espírito novo que hoje domina a Itália, e, diante da coragem com que se tem havido na sustentação de suas idéias, criaram em torno dele alta atmosfera de curiosidade.

E’ essa atmosfera de curiosidade que paira sobre o Brasil..., apenas de curiosidade! Papini é, entre nós, quase um desconhecido. Todos os que o conhecem viram primeiramente, suponho eu, nas revistas e livros franceses... e, assim, com certeza souberam do êxito de suas obras e da arrogância de suas idéias, souberam do seu falso ateísmo, de seus conceitos anárquicos e, depois, da sua lírica conversão ao catolicismo.

Entretanto, continuam, na realidade, a ignorar a obra de Papini, na sua interessante evolução. (MOTA FILHO, 1945, p. 5)

Mota Filho, em 1923, momento em que escreve o prefácio, delineia o paradoxo existente entre notoriedade e desconhecimento em torno do escritor italiano. Notoriedade porque, de fato, mesmo antes de ser traduzido no Brasil, Papini fora lido sobretudo pelos modernistas, em razão de seu envolvimento com o futurismo italiano. Seu nome era conhecido já nos debates anteriores à Semana de Arte Moderna – como pode ser verificado em artigos<sup>9</sup> como os de Oswald de Andrade e Francisco Lagreca publicados no *Jornal do Commercio* –, mas só por falantes de línguas estrangeiras e por um público letrado.

<sup>8</sup> Fundado em 1943 por Mario Graciotti, Waldemar Rocha e Luis Reid.

<sup>9</sup> Cf. “O triunfo de uma revolução” e “A nova arte”, publicados no *Jornal do Commercio*, respectivamente em 8 e 18 de fevereiro de 1922, ora coligidos juntos a outros na obra *22 por 22: A Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*, por Maria Eugenia Boaventura.



# ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.01-10

Após a Semana, em 1924, Mário de Andrade publica na *Revista do Brasil* o artigo “Oswaldo de Andrade”<sup>10</sup> e neste há uma menção sobre o caráter psicológico da obra *Um homem acabado*.

Contudo, em sua qualidade de expoente do modernismo brasileiro e da Semana de Arte Moderna, Mota Filho parece querer também ressaltar o que há por trás do “espírito novo” e do fenômeno das vanguardas. Em outras palavras, o seu apelo ao público pode ser lido não somente como um convite à imersão na obra de Papini, mas também ao conhecimento das mudanças do sistema literário e editorial brasileiro.

Embora sejam as décadas de 1930 e 1940 o período de expansão da indústria do livro e da tradução – como demonstram os estudos de Laurence Hallewell, Lia Wyler, John Milton, entre outros –, foram os anos 1920 a impulsionar a industrialização e o desenvolvimento intelectual. A cidade de São Paulo desponta em meio a esse cenário, tanto pela representatividade junto ao movimento modernista quanto pela iniciativa de livreiros e editores. No entanto, isso não equivaleu a uma preponderância no setor editorial, o qual ainda incumbia à cidade do Rio de Janeiro. A sua relevância nesse setor se efetivará justamente com o modernismo.

Nesse sentido, Antonio Tisi, que não somente foi o “primeiro editor de Mário de Andrade”, mas representante de “uma das primeiras tentativas editoriais de bom porte” – sempre nas palavras de Mario Graciotti –, é uma das figuras centrais. E não por acaso, sua editora publica a primeira tradução de Papini. Além dela, mais nove<sup>11</sup> obras de Giovanni Papini foram vertidas para a língua portuguesa norma brasileira. Entre elas, *Storia di Cristo* e *Gog* receberam duas traduções distintas, e todas foram reeditadas em diferentes coleções, por várias editoras e em décadas sucessivas.

E sob essa ótica, Annateresa Fabris, no artigo “Giovanni Papini e o Modernismo”, pondera que, dada a vasta produção bibliográfica do autor florentino, o número de traduções no Brasil não é tão expressivo. O ponto crítico é a escassez de títulos relativos à fase vanguardista, considerada pela estudiosa como o período mais fecundo:

<sup>10</sup> Publicado no exemplar de número 105 da *Revista do Brasil*, este mesmo artigo ora é prefácio da edição de *Memórias sentimentais de João Miramar* pela Editora Globo.

<sup>11</sup> São as obras: *Um homem acabado*, *Historia de Christo*, *A vida de Santo Agostinho*, *Gog*, *Palavras e sangue / O trágico cotidiano* (no mesmo volume), *Dante vivo*, *As testemunhas da Paixão*, *Meu encontro com Deus e Diário*.





# ANAIIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.01-10

Provavelmente nenhum escritor italiano do século XX tenha sido tão conhecido no Brasil quanto Giovanni Papini, apesar da escassez de edições nacionais de sua obra, tão vasta e tão diferenciada. [...]

As traduções do autor em nossa língua, com exceção de **Um homem acabado** e **Palavras e sangue**, são relativas a obras posteriores a seu momento vanguardista, sem dúvida alguma o período mais fecundo de sua longa trajetória polêmica. Trajetória que a crítica italiana contemporânea (Isnenghi, Asor Rosa, De Maria, Baldacci, entre outros) está reavaliando, isenta daquelas paixões ideológicas, políticas e literárias que haviam acabado por obscurecer a contribuição de Papini à cultura de nosso século.

Não foram, portanto, vertidas ao português obras fundamentais do Papini pragmatista, anarquista, futurista, daquele pensador fundamentalmente iconoclasta, que colocava em xeque a sociedade italiana do início do século XX com suas provocações, com seus paradoxos, com suas invectivas, com sua ação subversiva para com os poderes constituídos, a fim de, pela arma da denúncia, acelerar a crise existente e propor as soluções que lhe pareciam adequadas. (FABRIS, 1987, p. 8)

## Referências

ANDRADE, Mário. Osvaldo de Andrade. In: ANDRADE, Oswald de. *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Globo, 2004. p. 7-17. (Obras completas de Oswald de Andrade)

BALDACCI, Luigi. Introduzione. In: PAPINI, Giovanni. *Opere: dal Leonardo al Futurismo*. Introdução e organização de Luigi Baldacci com colaboração de Giuseppe Nicoletti. 6. ed. Milano: Mondadori, 2000. p. ix-xxxvi.

CECCHI, Emilio. Notizia introduttiva. In: PAPINI, Giovanni. *Un uomo finito*. Firenze: Vallecchi, 1974. p. ix. (Tascabili Vallecchi, 37)

FABRIS, Annateresa. Giovanni Papini e o Modernismo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 nov. 1987. Cultura, p. 8-9.

GHIDETTI, Enrico. La mente di Giovanni Papini. In: MANGHETTI, Gloria (Org.). *Per Giovanni Papini: nel 50° anniversario della morte dello scrittore (1956-2006)*. Firenze: Società Editrice Fiorentina, 2008. p. 11-26.

GOZZINI, Mario (Org.). *Papini Vivo*. Firenze: Vallecchi, 1957.

GRACIOTTI, Mario. Os editores não morrem. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1965. Suplemento literário, p. 3.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS:  
DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.01-10

MILTON, John. *O Clube do Livro e a tradução*. Bauru: Edusc, 2002.

MOTA FILHO, Cândido. Giovanni Papini. In: PAPINI, Giovanni. *Um homem acabado*. São Paulo: Clube do Livro, 1945. p. 5-13.

NICOLETTI, Giuseppe. Cronologia. In: PAPINI, Giovanni. *Opere: dal Leonardo al Futurismo*. Introdução e organização de Luigi Baldacci com colaboração de Giuseppe Nicoletti. 6. ed. Milano: Mondadori, 2000. p. xxxvii-xlvi.

O INTERCAMBIO literario italo-brasileiro. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 3, 9 jun. 1923.

PAPINI, Giovanni. *Il non finito: Diário 1900 e scritti inediti giovanili*. Organização de Anna Casini Paszkowski e introdução de Giorgio Luti e Paolo Casini. Firenze: Fondazione Primo Conti onlus; Casa Editrice Le Lettere, 2005.

\_\_\_\_\_. *Um homem acabado*. Prefácio de Cândido Mota Filho. São Paulo: Clube do Livro, 1945.

PEIRCE, Charles S. Um argumento negligenciado para a realidade de Deus. Tradução de Cassiano Terra Rodrigues. *Cognitio: Revista de Filosofia*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 98-133, 2003. Disponível em:  
<<http://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/13243/9757>>.

RAGOGNETTI, Vicente. Os livros do dia. *O Combate*, São Paulo, p. 3, 2 dez. 1923.

WYLER, Lya. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.